

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E A SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ELISA SEDREZ MORAIS¹; **STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²**

¹*Universidade Federal de Pelotas - elisamoraisph@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - stefaniegriebeleroliveira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Segundo Oliveira e Gonçalves (2004) a educação em saúde, pela sua magnitude, deve ser entendida como uma importante vertente à prevenção, e que na prática deve estar preocupada com a melhoria das condições de vida e de saúde das populações. Para alcançar um nível adequado de saúde, as pessoas precisam saber identificar e satisfazer suas necessidades básicas. Devem ser capazes de adotar mudanças de comportamentos, práticas e atitudes, além de dispor dos meios necessários à operacionalização dessas mudanças. Neste sentido a educação em saúde significa contribuir para que as pessoas adquiram autonomia para identificar e utilizar as formas e os meios para preservar e melhorar a sua vida.

A sexualidade é algo que se constrói e aprende, sendo parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do indivíduo. Assim, entendemos que toda essa transformação biológica e psicológica também acarreta em mudanças na convivência social. O adolescente começa a se relacionar com o “grupo”, inicialmente separados, meninos em um grupo e meninas em outro, no exercício da bissexualidade, posteriormente, pouco a pouco, exercitam possibilidades de relacionamento com os outros (BRÉTAS et al, 2011).

Devemos dispor aos adolescentes a oportunidade de pensar na sexualidade, informando abertamente sobre os diversos temas: o desenvolvimento sexual, as doenças transmissíveis, os métodos de contracepção, os mitos sexuais, a violência no namoro, entre muitos outros. De acordo com Pires (2011) é importante passar aos adolescentes a mensagem que a sexualidade é mais do que a relação sexual física. É produto da biologia e das experiências de vida de cada um, que dão forma aos sentimentos e valores.

Este trabalho foi desenvolvido em uma escola, pois é no ambiente de estudos que aparecem as principais mudanças nas relações afetivas entre as crianças e os adolescentes: no primeiro ciclo de aprendizagem, o namoro inocente; já no Ensino Médio, namoros que fomentam vontades e descobertas sexuais se tornam mais comuns. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de educação em saúde sobre sexualidade vivenciado na Escola Estadual de Ensino Médio Simões Lopes.

2. METODOLOGIA

O trabalho de educação em saúde foi uma proposta que adveio da UCE II, e, foi realizado no mês de novembro de 2013, com duas turmas do Ensino Médio, 2º e 3º ano, em um encontro onde estavam presentes 37 alunos, destes 19 eram meninas e 18 meninos.

3. RESULTADOS E DISCUÇÕES

Começamos o encontro com uma dinâmica chamada “Caixa Surpresa”, onde o animador pede que todos fiquem em pé, formando um círculo. Enquanto segura a caixa explica que dentro da mesma existe uma tarefa a ser cumprida individualmente.

Ao som da música a caixa vai sendo passada e quando a música é interrompida, o animador questiona a pessoa que tem a caixa na mão se de fato quer abrir a caixa ou continuar a dinâmica. Dependendo da resposta continua-se ou passa-se ao momento de abrir a caixa e para surpresa de todos encontra-se um chocolate!

O principal objetivo desta dinâmica é mostrar como somos inseguros diante de situações que representam perigo ou vergonha e que devemos aprender que podemos superar todos os desafios que são colocados à nossa frente. Desafios podem representar boas surpresas e não necessariamente más notícias.

De acordo com Vitiello (1997) a dinâmica de grupo é um trabalho prático de sensibilização que possibilita maior envolvimento dos participantes em seu processo de aprendizado. A dinâmica de grupo tem se revelado excelente instrumento de educação participativa.

A caixa passou três vezes até que um aluno teve coragem e abriu a caixa e pra sua surpresa encontrou um chocolate.

Logo após termos descontraído com a dinâmica, realizamos uma roda de conversa, onde cada um teve a oportunidade de fazer seus questionamentos e ouvir a opinião de cada um dos seus colegas, bem como a nossa explicação sobre cada pergunta realizada.

Para finalizar o encontro foi entregue um questionário onde eles deveriam responder algumas questões referentes à sexualidade, conforme mostra a tabela 1:

Tabela 1: Questionário sobre sexualidade

	Nº (%)
Idade	
16	9 (24,3)
17	20 (54,0)
18	7 (19,0)
19	1 (2,7)
Sexo	
Feminino	19 (51,4)
Masculino	18 (48,6)
Falo sobre sexualidade com quem?	
Mãe	18 (48,6)
Pai	4 (10,8)
Amigos	6 (16,3)
Professores	-
Profissionais da saúde	-
Não falo com ninguém	9 (24,3)
Onde busco informações sobre sexualidade?	
Internet	34 (91,9)
Revista	-
Livro	-
Televisão	-
Outros	3 (8,1)
A mídia influencia na sexualidade?	

Sim	22 (59,5)
Não	15 (40,5)
Já iniciou atividade sexual?	
Sim	23 (62,2)
Não	14 (37,8)
Usou algum tipo de preservativo?	
Sim	21 (56,7)
Não	16 (43,3)
A conversa de hoje foi interessante pra você?	
Sim	36 (97,2)
Não	1 (2,8)

Fonte: Educação em saúde sobre sexualidade, 2013.

Na tabela 1 observa-se que a maioria dos alunos presentes tem 17 anos, falam sobre sexualidade com suas mães, buscam informações sobre o assunto na internet, mas informam que a mídia não influencia na sexualidade. Dos 37 alunos que participaram da conversa 23 já iniciaram atividade sexual e destes 21 usaram algum método de prevenção. Conforme Justen e Bernhard (2013) a educação sexual, ou seja, a conversa com alguém que saiba atender as necessidades dos adolescentes, pode ser um dos motivos de adesão de métodos de prevenção, então o diálogo é uma ferramenta muito importante para criar a confiança, pois todos os alunos possuem dúvidas, mas alguns se sentem constrangidos em perguntar.

A educação sexual é um assunto que geralmente causa muita polêmica, porque, ao falarmos de sexualidade, devemos envolver todas as dimensões do ser humano. Girondi, Nothaft e Mallmann (2006) referem que ela é necessária, pois possibilita a passagem de informações, orientações, conhecimentos e também normas de comportamento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo relatos dos alunos este trabalho permitiu que eles conseguissem sanar algumas dúvidas relacionadas à sexualidade, sendo que a maioria tem receio de perguntar aos seus pais e vergonha de procurar um profissional da saúde para obter informações e que este tipo de trabalho favorece o diálogo entre os adolescentes e os profissionais.

O presente trabalho foi de grande contribuição para minha formação acadêmica, pois percebi quão importante é a educação em saúde e que devemos decentralizar essas ações, levando a informação até aquelas pessoas que não procuram por ela, visto que vivemos em um mundo onde a sexualidade é, muitas vezes, mal interpretada, vulgarizada e usada de forma indevida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÊTAS, J.R.S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; AGUIAR JUNIOR, W.; OLIVEIRA, J.R.; Aspectos da sexualidade na adolescência. **Revista Ciência e saúde coletiva**, v.16, n.7, p.3221-3228, 2011.
 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/21.pdf>> Acesso em: 29 de maio de 2015.

GIRONDI, J.B.; NOTHAFT, C.S.; MALLMANN, F.M. A metodologia problematizadora utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes.

Revista Cogitare Enfermagem, v.11, n.2, p.161-165, 2006.

Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/6864/4872>> Acesso em: 18 de junho de 2015.

JUSTEN, A.P.; BERNHARD, T. Discutindo sexualidade com adolescentes: promovendo uma vida mais saudável. In: IV Salão de Ensino e Extensão, 37., 2013. Santa Cruz do Sul. **Anais IV Salão de Ensino e Extensão**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2013. Disponível em:

<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/salao_ensino_extensao/article/view/10979> Acesso em: 30 de junho de 2015.

OLIVEIRA, H.M.; GONÇALVES, M.J.F. Educação em saúde: uma experiência transformadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.6, p.761-763, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n6/a28>> Acesso em: 04 nov. de 2013.

PIRES, M.R.R. A Sexualidade na Adolescência. **Revista PROFFORMA – cefopna**, sv, n.2, sp., 2011.

Disponível em:

<http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_02/pdf_02/es_07_02.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2015.

VITIELLO, N. **Manual de dinâmicas de grupo**. São Paulo: Iglu, 1997, 250p.